

## ► Brasil Alfabetizado em movimento

Maria Luiza Pereira Angelim<sup>1</sup>

### Sinopse:

A série *Brasil Alfabetizado em movimento*, que será apresentada no programa Salto para o Futuro/TV Escola, de 13 a 17 de setembro, reconhece, na ação alfabetizadora em movimento, jovens e adultos como sujeitos da transformação da nossa sociedade brasileira, recriando nossas raízes culturais, geradas nas tradições milenares dos povos-nações indígenas, dos portugueses e dos afro-brasileiros que, aqui e agora, constituem valioso patrimônio humano do “saber de experiência feito” nas suas estratégias de sobrevivência nos trópicos. Assume a ação alfabetizadora de jovens e adultos como iniciação de estudos em EJA, no sentido da afirmação da identidade brasileira na biodiversidade e diversidade cultural planetária, em resposta à exigência de nossa autodeterminação como povo e de nossa soberania nacional.

### Apresentação

Para marcar o *Brasil Alfabetizado em movimento*, faz-se atual a contribuição do geógrafo brasileiro Milton Santos, quando afirmou que a “tensão entre o universal e o internacional se encontra na raiz de nossa necessidade em legitimar a cultura brasileira”. Explicitando, dizia ele:

“A questão central que nos ocorre, sobre a nossa interpretação de nós próprios, nesses chamados 500 anos de Brasil, é a seguinte: é possível opor uma história do Brasil a uma história européia do Brasil, um pensamento brasileiro em lugar de um pensamento europeu ou norte-americano do Brasil, ainda que conduzido aqui por bravos ‘brazilianists’ brasileiros? Não se trata de inventar de novo a roda, mas de dizer como a fazemos funcionar em nosso canto do mundo; reconhecê-lo será um enriquecimento para o mundo da roda e um passo a mais no conhecimento de nós mesmos. Ser internacional não é ser universal e para ser universal não é necessário situar-se nos centros do mundo. Inclusive pode-se ser universal ficando confinado à sua própria língua, isto é, sem ser traduzido. Não se trata de dar as costas à realidade do mundo, mas de pensá-la a partir do que somos, enriquecendo-a universalmente com as nossas idéias, e aceitando ser, desse modo, submetidos a uma crítica universalista e não propriamente européia ou norte-americana” (Santos, 1999).

É a partir deste ponto de vista que se coloca a afirmação da nossa *cultura*

*brasileira* no próprio modo singular de alfabetizar PESSOAS jovens, adultas e idosas, que na diversidade convivem, hoje, no mundo não só letrado, mas multimídia e virtual, marcado fortemente pela imagem. Trata-se de um modo de alfabetizar PESSOAS jovens, adultas e idosas, preservando nossas RAÍZES culturais geradas nas tradições milenares dos povos-nações indígenas, portugueses, africanos que, aqui e agora, constituem valioso patrimônio humano do saber de experiência feito nas suas estratégias de sobrevivência nos trópicos, conservado até hoje, em grande parte, na oralidade intergeracional ou registrado em áudio e audiovisual por terceiros. Trata-se, sobretudo, do conhecimento de nossa riquíssima e cobiçada biodiversidade e do nosso exercício humano da transcendência, neste chão planetário. Trata-se, enfim, de escutar, ver, tocar, sentir, dialogar, *re-ler*, *re-escrever* e *re-criar* a história brasileira em cada lugar, em particular, dos indígenas, dos herdeiros do culto do Divino Espírito Santo dos portugueses de Abrantes (Silva, 1966), dos quilombolas e afro-brasileiros, com a significativa e imprescindível contribuição de PESSOAS jovens, adultas e idosas alfabetizadas, *reconhecidas* como SUJEITOS de transformação da nossa sociedade brasileira atual.

Para isto contribuem alguns pressupostos:

- a) A compreensão do sistema educacional público com gestão democrática como parte estruturante estratégica da sociedade brasileira orientada para o desenvolvimento humano, implicando o desenvolvimento sustentável, na sua autodeterminação como povo e na soberania nacional;
- b) O reconhecimento da emergência de novos e ancestrais paradigmas sobre as visões de mundo e de ciência, apoiados na revolução científica, em particular, no campo da física e da biologia, afirmando a subjetividade singular e o compromisso ético, a complementaridade entre diferentes formas de conhecimento e o exercício transdisciplinar na busca da unidade na totalidade do conhecimento humano (UNESCO – Declaração de Veneza, 1986. In: D'Ambrosio, 1994);
- c) A superação da sociedade da informação, da sociedade do conhecimento pela sociedade educativa (conceito inspirador do art. 1º da LDB n. 9.394/96), desafiando-se na construção da era da consciência (D'Ambrosio, 1997) e da inteligência coletiva/cosmopédia, neste período noolítico da história humana (Lévy, 1998);
- d) A compreensão da educação como um processo ao longo da vida, superando a dicotomia de educação inicial e continuada, conforme a definição proposta para a educação no século XXI com seus quatro pilares: aprender a conhecer, a fazer, a viver juntos ou com os outros, a ser (UNESCO – Delors, 1996).

Tais pressupostos permitem indicar, como base referencial, o ser aprendiz orgânico cósmico (Angelim, 2001), ou seja, uma espécie humana-sujeito, naturalmente aprendiz, no exercício de interação com o outro ou os outros no ambiente permanente de ligação cósmica (Swimme, 1991). Em outras palavras, uma espécie capaz de exercer sua autonomia de aprendizagem da

*Vida* (autoconsciência), como cidadão (hábitat) e como trabalhador culturalmente identificado em sociedade, como constituinte do equilíbrio harmônico da natureza-vida.

Nesta compreensão, implica-se o conceito de autonomia do sujeito aprendiz nos diferentes ciclos vitais (Pearce, 2002) – neste caso, jovem, adulto e idoso, considerando como complementares à educação libertadora/pedagogia da autonomia (Freire, 1997), a auto-heteroecoformação (Pineau, 1998) e o processo de individuação (Jung, 1980).

Sabemos que o fenômeno do “analfabetismo” de PESSOAS jovens, adultas e idosas tem origem histórico-estrutural no desenvolvimento da sociedade brasileira e, como tal, é parte constituinte da síntese de dificuldades de sobrevivência, ou seja, a quase ausência de atendimento às necessidades básicas para o desenvolvimento da espécie humana como ser aprendiz orgânico cósmico – impulso criativo da VIDA por si mesma (Goswami, 2000).

Vejam os a referida síntese, no dizer, aqui transcrito, da alfabetizanda Brasilina (1985), aos 50 anos, moradora de Ceilândia/Distrito Federal:

“A escola *tá* lá, acho bom demais! Meu filho também *tá* fazendo força pra *aprendê*; diz ele que vai pelejando este ano até o fim. Acho bom!

É triste, a gente não *sabê* nem conversá, a gente não tem saída com as pessoas que têm a leitura, a gente fica *incuída*, não tem aquela sensação, sei lá (riso), a gente fica com vergonha! A gente tendo uma explicação, tendo estudo, a gente já conversa sem medo, sem vergonha, é bom!

Ouvia falar nessa Brasília, pensava que era o fim do mundo. Aí, falava pra vim pra cá. Aí, Juraci (filho) ficou doido pra *vim*. Aí, Jeová (filho) falou: eu não vou *tocá* mais esta roça não, estou quase morrendo aqui, eu vou pra lá, vou pra Brasília, também. O pai dele foi desgostando: eu já *tou véio*, não vou *tocá* a roça, sua mãe *tá* cansada, então eu vou pra Brasília também, vou *pô* meus *fio* na escola pra *vê* se não fica burro igual eu. Aí, *nóis vendeu* fazenda, *nóis vendeu* tudo, a gente tinha um gadão, fazendona, de tudo, de tudo confortado, tinha uma farturona, mas *cabou* tudo. O restinho que tinha enterrou aí, no chão, que foi pedra, terra.

Agora, *trabaiando* pra *vê* se constrói ao *meno* a casa pra *morá*, porque o barraco *tá* pra *caí*” (Coutinho, 1986).

Em relação a essa situação exposta por Brasilina, que é semelhante à de tantos outros milhões de brasileiros e brasileiras, encontra-se em Paulo Freire esta compreensão: “a alfabetização, numa área de miséria, só ganha sentido na dimensão humana se, com ela, se realiza uma espécie de psicanálise histórico-político-social de que vá resultando a extorção da culpa indevida. A isto corresponde a ‘expulsão’ do opressor de ‘dentro’ do oprimido, enquanto sombra invasora. Sombra que, expulsa pelo oprimido, precisa de ser substituída por sua autonomia e sua responsabilidade”. E, mais adiante, “experimentando com intensidade a dialética entre a leitura do mundo e a leitura da palavra” (Freire, 1997).

O processo de alfabetização de jovens, adultos e idosos deve estar a serviço

da CRIATIVIDADE das PESSOAS com linguagens de afirmação da *identidade cultural brasileira* na própria busca organizada coletivamente de solução dos problemas rumo a uma nova sociedade, exercitando princípios político-pedagógicos tão bem propostos como “Pedagogia do Oprimido”, desde 1968, pelo educador Paulo Freire (1987):

“Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam em comunhão” (p. 52).

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (p. 68).

“A educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo” (p. 84).

O “círculo de cultura” como encontro presencial de sujeitos de saberes com suas histórias de vida e do lugar, tal como proposto por Paulo Freire, desde 1963, ainda é o espaço de aprendizagem mais apropriado para o exercício de iniciação da dialogicidade entre diferentes, politicamente comprometida com a mudança coletivamente construída pela sociedade organizada. A interatividade político-pedagógica do “círculo de cultura” de alfabetização de PESSOAS jovens, adultas e idosas resulta, para além da aquisição da leitura, da escrita e do cálculo, na construção de sentido, de autonomia, de libertação, de “escuta sensível” (Barbier, 1998), de convicção e prazer da construção coletiva. A interatividade ocorrente no “círculo de cultura” supõe a intervenção diretiva no processo de auto-organização de cada grupo, formando uma rede tecida na identidade cultural brasileira e no propósito de transformação da sociedade atual, na qual se constrói, progressivamente, um novo jeito de conhecer, aprender e buscar a solução de problemas em conjunto – uma escola pública popular libertadora.

Nesta escola, onde a natureza-vida será respeitada em toda a sua harmonia e beleza, as tecnologias de informação e comunicação deverão estar a serviço da produção de textos, falas, sons e imagens dos círculos de cultura, podendo constituir uma grande rede, intensamente interativa, de informação e comunicação com programas de incentivo às artes literárias, plásticas e cênicas, à música, à dança, e à educação física como consciência corporal/toque sutil (Farah, 1995), tendo como apoio bibliotecas públicas, cooperativas de produção gráfica, jornais comunitários, correio postal escolar (tarifa reduzida), postos públicos de consulta à internet, rádio-escolas públicas, rádios comunitárias, cooperativa de produção de vídeo, rede pública de TV com programas regionais interativos, oficinas de produção de software livre e páginas Web, centros públicos de acesso à internet e outras possibilidades.

Nesta escola pública popular libertadora, a participação criativa das PESSOAS jovens, adultas e idosas alfabetizandas será a garantia de mobilização da sociedade pela política pública de Educação de Jovens e Adultos-EJA. Desafiada pelas tecnologias de informação e comunicação, a EJA poderá constituir-se como Comunidade de Trabalho/Aprendizagem em rede-CTAR (Grupo CTAR, 2004), qualificando cada vez mais a singularidade do encontro de PESSOAS – presencial nos “círculos de

cultura” – e mediado pela multimídia, no sentido da afirmação da identidade brasileira na biodiversidade e diversidade cultural planetária, em resposta à exigência de nossa autodeterminação como povo e de nossa soberania nacional.

#### Ementas dos programas

##### PGM 1 Novos desafios na alfabetização de pessoas jovens, adultas e idosas

A diversidade cultural étnico-racial perpassa o Brasil Alfabetizado que estamos construindo, desafiando-nos a assimilar, eticamente, as contribuições das ciências e o uso apropriado das tecnologias, em particular da informação e da comunicação, manifestando e afirmando nossa identidade tropical pelas artes. Neste sentido, o singular se faz presente numa realidade complexa, mosaica e harmônica, por vezes paradoxal. A convivência da alfabetização com nossa preciosa cultura oral reafirma o som e o silêncio, as cores, os movimentos na dança/gestos/toques físicos e sutis como expressões humanizadoras. A presença da imagem como manifestação do pensamento-forma, enquanto alimento consciente do espírito. As singularidades presentes na ação alfabetizadora de pessoas jovens, adultas e idosas, na educação básica dos indígenas, dos afro-brasileiros e quilombolas, das mulheres, dos homossexuais (homoafetivos), dos jovens em situação de risco, das pessoas com necessidades educativas especiais – PNEE, dos presidiários, dos egressos, das pessoas portadoras de doenças crônicas e infecto-contagiosas e outros grupos humanos.

VER, EXPRESSAR, COMUNICAR e TRANSFORMAR no lugar para trocar, tecendo a rede.

##### PGM 2 Alfabetização e Vida

O povo gera conhecimento para *sobreVIVER* e *TRANScender* e, neste processo evolutivo, vem se comunicando pela imagem, desde as pinturas rupestres, pelo som, também da língua falada, pela dança/gestos/toques físicos, sutis e “virtuais”, pela grafia/escrita, desde a pictórica, ideográfica, fonética, alfabética até os atuais “emoticons”. Este movimento de expressão e comunicação da humanidade se manifesta diferentemente nas pessoas de cada lugar brasileiro, enraizando-as nas suas origens e recriando-as na busca da *sobreVIVÊNCIA* e *TRANScendência*. Como este processo vem acontecendo em cada lugar brasileiro? Que saberes da biodiversidade e diversidade cultural étnico-racial brasileira estão sendo preservados na ação alfabetizadora? Quais os desafios a superar na alfabetização de jovens, adultos e idosos no *REconhecimento* destes como sujeitos deste processo histórico? Como o processo de alfabetização das PESSOAS se coloca a serviço da VIDA? Que VIDA? Movimento? Energia? Tensão? Impulso criativo?

VER, EXPRESSAR, COMUNICAR e TRANSFORMAR no lugar para trocar, tecendo a rede.

### PGM 3 A Língua Portuguesa/português brasileiro e a linguagem matemática em movimento

Vamos debater, nesse programa, a origem e o desenvolvimento da Língua Portuguesa de Camões, Vieira e Fernando Pessoa à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e a marca cultural do português brasileiro, num país latino-americano multilíngüe indígena, afro-descendente e que utiliza LIBRAS, que se expandiu além do Tratado de Tordesilhas e afirmou-se para além de Pombal. Como este português brasileiro se faz presente em cada lugar? Como se fala ? Como se escreve? Que influências faz do português brasileiro uma língua VIVA? Até quando? Qual o sentido de afirmar esta língua como identidade brasileira num país multilíngüe de um mundo planetarizado?

A origem e desenvolvimento da linguagem matemática é uma permanente conquista humana, nascida da experiência, da percepção e da observação da lógica dual-binária-dialética da natureza, rumo à noção de totalidade alcançada, inicialmente, na “trindade-três”, dispondo-se, hoje, de sofisticados e rápidos cálculos, por vezes de valores virtuais, produzidos somente com auxílio de computadores. O que motiva as contas? O que motiva os sistemas de medidas? O que motiva as formas geométricas? Por que contar as distâncias e os tempos? Por que contar valores de mercadorias? Para que e como se usa a linguagem matemática para resolver os problemas das pessoas e dos grupos de cada lugar (por exemplo, as medidas agrárias de cada lugar)? Quais as contas e cálculos que interessam ao povo de cada lugar? Qual o sentido de assumir a(s) lógica(s) da linguagem matemática?

VER, EXPRESSAR, COMUNICAR e TRANSFORMAR no lugar para trocar, tecendo a rede.

### PGM 4 Alfabetização e leitura do mundo para transformá-lo

Qual a atualidade da contribuição de Paulo Freire em Pedagogia do Oprimido, da Esperança e da Autonomia? Dialogicidade e Conscientização para além do cognitivo é ação transformadora, de que, em que, de quem? Qual a relação entre o Círculo de Cultura e a organização política em rede de pessoas e de organizações, também em ambiente virtual multimídia? Como a ação alfabetizadora se constitui em iniciação à leitura do mundo para transformá-lo, a serviço de quem? Qual o sentido da leitura do mundo, precedendo a palavra? Que “palavra-ação”?

VER, EXPRESSAR, COMUNICAR e TRANSFORMAR no lugar para trocar, tecendo a rede.

### PGM 5 Experiências de Alfabetização de pessoas jovens e adultas “em movimento”

Considerando que o problema do analfabetismo é histórico-estrutural na sociedade brasileira, assume-se como imprescindível, na conjuntura atual, a ação conjunta da sociedade organizada (movimentos sociais) e do Estado,

para garantia da alfabetização como direito à educação básica de pessoas jovens, adultas e idosas.

Tomando o princípio do exercício da parceria com autonomia, existem diferentes experiências de ação alfabetizadora de iniciativa dos movimentos sociais populares, do poder público municipal e/ou estadual e da própria parceria entre movimentos sociais e poder público. Que lições pode-se tirar da superação de conflitos pelo exercício da cooperação com autonomia no Movimento dos Sem Terra – MST, MOVA-Brasil, Central Única dos Trabalhadores – CUT, Movimento de Mulheres, Movimento de Afro-brasileiros, Movimento Indígena, Movimento dos Pescadores, Movimento das Pessoas com Necessidades Educativas Especiais – PNEE e outros? Como divulgar as experiências exitosas, qual a ação alfabetizadora residual em EJA?

VER, EXPRESSAR, COMUNICAR e TRANSFORMAR no lugar para trocar, tecendo a rede.

Referências Bibliográficas

ANGELIM, M. L. P. Modelos flexíveis de educação/ensino: possibilidades e limites. In: ESTEVES, A. P. & OLIVEIRA, G. D. (orgs.) *Educação a distância – experiências universitárias*. Rio de Janeiro: UERJ, Centro de Tecnologia Educacional, 2001.

ANGELIM, M. L. P. *Educar é descobrir – um estudo observacional exploratório*. Dissertação de mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 1998. 2v.

BARBIER, R. *A escuta sensível na abordagem transversal*. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves (coord.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. Revisão da tradução de Sidney Barbosa. São Paulo: EdUFSCar, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Relatório Delors*. Brasília: UNESCO, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação/SEEA. **Programa Brasil Alfabetizado** 2003. Disponível em: [www.mec.gov.br/alfabetiza](http://www.mec.gov.br/alfabetiza)

BRASILINA. In: Transcrição vídeo *Educar é descobrir*. Direção Laura Maria Coutinho (1986). Brasília: NUTEL/GDF, 1985.

COUTINHO, L. M. *Ver e Rever Educação*. Dissertação de mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

D'AMBROSIO, U. (org.). *Declaração dos fóruns de ciência e cultura da Unesco: Veneza, Vancouver, Belém. Carta da transdisciplinaridade*. Brasília: Editora UnB, 1994. (Coleção Textos Universitários)

D'AMBROSIO, U. *A era da consciência: aula inaugural do primeiro curso de pós-graduação em ciências e valores humanos no Brasil*. São

Paulo: Ed. Fundação Peirópolis, 1997.

FARAH, R. M. *Integração psicofísica – o trabalho corporal e a psicologia de C. G. Jung*. São Paulo: Robe Editorial, 1995.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Esperança – um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GOSWAMI, A. REED, R. & GOSWAMI, M. *O universo autoconsciente: como a consciência cria o mundo material*. Tradução de Ruy Jungmann. 3 ed. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 2000.

GrupoCTAR. **Outra educação a distância é possível: comunidade de trabalho/aprendizagem em rede (CTAR)**. Anais V Encontro Internacional Virtual EDUCA – Forum Universal de las culturas. Barcelona, 2004. [www.virtualeduca.org](http://www.virtualeduca.org)

JUNG, G. C. *Psicologia do inconsciente*. Tradução de Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes, 1980.

LÉVY, P. *A inteligência coletiva – uma antropologia do ciberespaço*. Tradução Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 1998.

PEARCE, J. *O fim da evolução - reivindicando a nossa inteligência em todo o seu potencial*. Tradução de Marta Rosas. São Paulo: Cultrix, 2002.

PINEAU, G. *A autoformação no decurso da vida*. 1998. Disponível em: [www.cetrans.futuro.usp.br](http://www.cetrans.futuro.usp.br)

SANTOS, M. *Brasil 500 anos D.C. – O país distorcido*. In: *Folha de São Paulo-Caderno Mais*, 02.05.1999.

SILVA, A. (1966) *Ensaio para uma teoria do Brasil*. In: **Ensaio sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira**. v. 1. Lisboa: Âncora, 2000.

SWIMME, B. *O universo é um dragão verde - uma história cósmica da criação*. Tradução de Rubens Rusche. São Paulo: Ed. Cultrix, 1991.

Link na internet

Observatório da UNESCO-Inclusão educacional e tecnologias digitais/Área: Alfabetização de Jovens e Adultos [www.fe.unb.br/areas/alfabetizacao](http://www.fe.unb.br/areas/alfabetizacao)

Comunidade dos Países de Língua Portuguesa: [www.cplp.org](http://www.cplp.org)

A influência das línguas estrangeiras, indígenas e africanas no Brasil: [www.linguaportuguesa.com.br](http://www.linguaportuguesa.com.br)

Site da Língua Portuguesa: [www.portugues.com.br](http://www.portugues.com.br)

## NOTAS

1 Professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Mestre em Educação pela UnB/Grupo Lattes “Aprendizagem, Tecnologias e Educação a distância”. Consultora desta série.